

folha de rosto

Revista de Biblioteconomia e Ciência da Informação

Contaçon de História como Instrumento de Construçon da Identidade Negra: estudo de caso na Biblioteca do Centro Cultural Banco do Nordeste - Cariri

Priscila Correia de Lima
Maria Cleide Rodrigues Bernardino
Joselina da Silva

ARTIGO

Resumo

A presente pesquisa teve como objetivo refletir sobre a questão racial nas contações de histórias em Juazeiro do Norte, a partir de um estudo de caso na Biblioteca CCBNB Cariri. E identificar qual é a importância e necessidade de trabalhar a contaçon de histórias temáticas, com a discussão em torno das diversidades, especialmente de raça no âmbito da biblioteca. Busca ainda refletir sobre o papel do bibliotecário como mediador da literatura negra e incentivador da leitura e compreender a partir dos contadores, qual é importância dessa prática para a formação da identidade negra de forma positiva. Se constituir como um estudo de caso de caráter qualitativo e descritivo. Foram entrevistados três contadores que já apresentaram pelo menos uma narrativa sobre a temática étnico-racial a partir da contaçon de história na Biblioteca no CCBNB- Cariri. A proposta é identificar a partir dos pontos de vista deles a importância e necessidade de trabalhar a contaçon de histórias temáticas, com a discussão em torno das diversidades, especialmente de raça, no âmbito da biblioteca.

Palavras-chave: Identidade Negra. Contaçon de Histórias. Biblioteca - Centro Cultural Banco do Nordeste do Brasil.

History Account as a Black Identity Construction Tool: a case study at the Northeast Bank Cultural Center Library – Cariri

Abstract

This study aimed to reflect on the racial issue in contações stories in Juazeiro, from a case study in CCBNB Library Cariri. And identify what is the importance and need to work the story-themed stories, with the discussion around diversity, especially of race within the library. Also seeks to reflect on the librarian's role as mediator of black literature and encouraging reading and understanding from the counters, what is the importance of this practice for the formation of black identity in a positive way. Be constituted as a case study of qualitative and descriptive. They interviewed three accountants who already had at least one story about the ethnic-racial theme from the storytelling in the library in CCBNB- Cariri. The proposal is to identify from their views of the importance and need to work the story-themed stories, with the discussion around diversity, especially of race within the library.

Keywords: Black identity. Story-stories. Library - Cultural Center Northeast Bank of Brazil.

1 Introdução

As bibliotecas assumem um papel fundamental ao permitir às pessoas o acesso à leitura, sendo indispensável para inserção do indivíduo na sociedade. Um ambiente que possibilita formar leitores conscientes e críticos. É também um local utilizado para o estudo, a pesquisa e a informação por meio de diferentes suportes.

Os vários programas desenvolvidos no Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB - Cariri) em Juazeiro do Norte, Ceará, estão ligados às áreas de música, artes cênicas, dança, artes visuais, audiovisual, patrimônio, artes integradas e especialmente de literatura. Este vem sendo desenvolvido na Biblioteca do Centro, por meio de ações de incentivo à leitura e

formação de novos leitores, além de práticas promotoras do acesso à leitura e de sua democratização, dirigidas ao público adulto e infantil.

A biblioteca do CCBNB Cariri é um centro de informação que oferece aos seus usuários, empréstimo domiciliar, consulta e renovação de livros. E tem permitido ao público em geral o acesso gratuito às salas de estudos em grupos e individuais e área de leitura.

A biblioteca não pode ser pensada separadamente da sociedade. Nesse contexto, são desenvolvidas no âmbito da Biblioteca CCBNB Cariri, atividades como o Clube do Leitor, um encontro que envolve apreciação e debates sobre as obras literárias e seus autores. O projeto foi criado por uma bibliotecária e uma professora de literatura, e outras atividades também tiveram a participação desse profissional. Gincana Cultural é uma atividade recreativa, com caráter cultural. Tem como objetivo testar as habilidades dos alunos e promover a socialização, interação e integração dos alunos. A proposta das atividades são de arrecadar alimentos, recitar poemas, apresentação de danças, teatro e entre outras. A contação de histórias é uma atividade que além de incentivar a leitura, também tem a proposta de criar vínculos afetivos, estimular a aprendizagem, transmitir valores e desenvolver a imaginação das crianças. Para colaborar com esse projeto o Centro Cultural faz uma seleção de contadores que são da região ou não. A atividade de contação tem como objetivo permitir a criança descobrir de forma prazerosa os significados dos textos. Nesse sentido o contador selecionado é convidado para narrar aos sábados na biblioteca do Centro Cultural Banco do Nordeste- Cariri, e tem contado com a participação de muitos jovens e adultos.

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a questão racial nas contações de histórias em Juazeiro do Norte, a partir de um estudo de caso na Biblioteca CCBNB Cariri. Especificamente, identificar qual é a importância e necessidade de trabalhar a contação de histórias temáticas, com a discussão em torno das diversidades, especialmente de raça no âmbito da biblioteca; refletir sobre o papel do bibliotecário como mediador da literatura negra e incentivador da leitura e; compreender a partir dos contadores, qual é importância dessa prática para a formação da identidade negra de forma positiva.

As bibliotecas passaram por diversas transformações e suas ações estão para além do armazenamento, preservação e guarda de informação, procurando também atender à necessidade da comunidade inserida. Entendendo a função social e educativa da biblioteca na contemporaneidade, observa-se que dentre as diversas possibilidades de ações de incentivo à leitura destaca-se o papel de atuar para a redução da desigualdade racial, que vem sendo trabalhada por meio de políticas públicas.

O reconhecimento da diversidade racial além de exigir ações pedagógicas e suporte de recursos didáticos apropriados, requer a participação de toda comunidade (Oliveira, 2012). Dessa forma, o interesse dessa pesquisa brota a partir da verificação de que na literatura infantil pouco ainda se discute sobre as questões étnico raciais. Assim, as narrativas afro-brasileiras necessitam ser levadas em consideração pela Biblioteconomia, sobretudo a partir de práticas de ação cultural ou desenvolvimento de coleções para a biblioteca, determinadas pela necessidade de ampliação do acervo.

2 Procedimentos Metodológicos

Foi utilizado o método de pesquisa descritiva com objetivo de reunir e analisar os dados sobre o tema a ser estudado, partindo de uma revisão bibliográfica composto pelas principais autores contemporâneos como Jovino (2006), Gouvêa (2005), Oliveira (2009), Araujo (2010), Figueiredo (2010) que contribuíram com estudos sobre a criança negra na literatura infantil brasileira. Também buscamos trabalhar a partir de literatura sobre o papel social e pedagógico do bibliotecário, demonstrando que suas ações estão para além do incentivo à leitura, armazenamento, preservação e guarda de informação. E entre outros pensadores que elaboraram trabalhos pertinentes ao assunto.

Se constitui como um estudo de caso que tem como foco central extrair dados e informações diretamente da realidade do objeto de estudo. Dessa forma a pesquisa é realizada no contexto da biblioteca - CCBNB, sendo um espaço que permitir aos contadores apresentar narrativas como instrumento de formação da identidade da criança negra, baseadas em obras de referencial étnico racial, com destaque para obras infantis contemporâneas como “Menina bonita do laço de fita” (2005), Bruna

e a galinha d' Angola (2011), Pretinho, meu boneco querido (2008), Lendas africanas: e a força dos tambores cruzou o mar (2008), Histórias da nossa gente (2010) e entre outras.

Para esse tipo de coleta de informações Yin (2001) chama de estudo de caso, quando envolve o estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos de maneira que permita o seu amplo e detalhado conhecimento. Gil (2008, p. 57) complementa afirmando que “o estudo de campo tende a utilizar muito mais técnicas de observação do que de interrogação”.

Para isso, será necessário o uso da entrevista com três contadores que já narraram na biblioteca CCBNB, o objetivo dessa etapa é identificar a importância desse ofício e como tem sido para eles desenvolver esse trabalho com a diversidade étnico-racial através da contação de histórias. E depois disso é feito a análise de uma narrativa apresentada pelos contadores. Dessa forma a transcrição das falas dos entrevistados ajudar na compreensão e nos dará resposta para a situação ou problema abordado na pesquisa. Portanto os resultados apontam que é importante trabalhar narrativas de forma positiva sobre a criança negra, sobretudo a partir de textos infantis com temas em torno das diversidades, especialmente de raça no âmbito da Biblioteca.

3 O Negro na Literatura Infantil Brasileira

O panorama geral da literatura infantil começa a se delinear no século XVIII, quando a criança passa a ser vista como ela, e não meramente como um “adulto jovem”. Nesse contexto, o início da literatura infantil é marcado com Perrault, entre os anos 1628 e 1703, com a publicação das obras: Cinderela, A Barba Azul, Mãe Gansa, Gata Borralheira, O gato de Botas, e entre outras narrativas clássicas.

Depois disso surgiram outros autores especializados nesse tipo de literatura para criança, La Fontaine, Irmãos Grimm, Andersen, Charles Dickens e entre outros. Acerca dessas narrativas, Jovino (2006, p. 182) destaca “[...] o fato de nos serem dados a conhecer a literatura sempre a partir de um referencial europeu”. Pois muitos dos textos infantis que nos chegam são adaptações de contos de fadas como Branca de Neve, Bela adormecida e entre outras.

No Brasil, a Literatura Infantil só veio a surgir no início do século XX com Coelho Neto, Teles de Andrade, Olavo Bilac, Monteiro Lobato e entre outros escritores. Como explica Meireles (1984, p.37) “[...] o século XIX já oferece um panorama variado sobre a literatura infantil, mas o mesmo não se podia dizer sobre os séculos anteriores”. Vale destacar que no período colonial era natural o impedimento ao uso dos livros e a leitura não era uma conquista popular.

Nesse sentido, o Brasil vivenciou um tempo em que a escolarização se dava na maior parte em engenhos ou fazendas, com ajuda dos padres e pessoas letradas contratados para esse fim. Os escravizados e as meninas eram proibidos de frequentar as escolas, pois acreditava-se que não havia necessidade educacional para esses grupos sociais.

Lajolo e Zilberman (2011, p.24) afirmam que a literatura Brasileira infantil “[...] começou tardiamente, nos arredores da proclamação da República, quando o país passava por inúmeras transformações”. Alguma mudança percebemos no período imperial no sentido de ampliação e oferta de escolarização. Até então, eram poucos os espaços e raríssimos os livros disponíveis para leitura pública e, conseqüentemente, existiam poucos leitores.

Na produção literária brasileira do século XX já havia uma preocupação com a nacionalização da produção. Os textos em sua maioria abordavam o país do ponto ufanista, as grandezas de nossas terras e claramente evidenciavam a cultura europeizada (GOUVÊA, 2005). Muitas dessas publicações eram inspiradas em histórias europeias que circulavam em edições portuguesas.

No final do século XIX e início do XX surge as publicações de revistas femininas, os romances ligeiros, os livros didáticos e para criança. “Paralelamente como o sucesso das primeiras obras, um movimento de intelectuais brasileiros decide produzir para crianças brasileiras literatura genuinamente nacional” (ARAUJO, 2010, p.54). Esse período é denominado por Gouvêa (2005) como “século da criança”, no qual se começa a pensar na possibilidade de existir a diferenciação da produção destinada

ao público infantil e adulto. A Gouvêa (2005, p. 81) define historicamente a literatura Infantil “[...] pela formulação e transmissão de visões de mundo, assim como modelos de gostos, aços, comportamentos a serem reproduzidos pelo leitor”.

De acordo com Jovino (2006) os personagens negros na literatura infantil brasileira só aparecem a partir do final da década 20 e início de 30 no século XX. A autora afirma que “o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém-saída de um longo período de escravidão”. Assim, não existiam nesse período histórias positivas sobre a representação do negro. Sobre alguns dos livros que são publicados nesse primeiro período, Maria Cristina Soares de Gouvêa (2005), em seu artigo “Imagem do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica”, faz uma análise de 17 títulos destinados ao público infantil, com destaque para as representações sociais sobre o negro nas três primeiras décadas do século XX no Brasil.

Nesse período, o país vivenciava um processo de modernização social e ao mesmo tempo “delineava-se um novo olhar que possibilitava compreender o país como nação com identidade própria, a chamada “brasilidade” (Gouvêa, 2005, p.82). Surge uma série de atividades que se destacavam no campo científico e artístico-cultural

Buscou-se formular uma linguagem e referências estéticas que simbolizassem a experiência de modernização da sociedade brasileira [...]. No campo Científico construíram-se diferentes discursos em torno da compreensão das origens da sociedade brasileira, quer numa perspectiva de intervenção cientificista, quer de análise de sua singularidade (GOUVÊA, 2005, p. 82-83).

A autora destaca no campo científico dois grandes escritores: Gilberto Freyre e Oliveira Vianna. O primeiro, com a obra *Casa-grande & senzala*, embora numa perspectiva mistificadora, analisa as relações raciais brasileiras, assinalando a positividade da cultura negra. Já a segunda, trabalha com os estudos sob a perspectiva de desqualificação do negro e a miscigenação como estratégia para o embranquecimento da população.

No campo artístico-cultural procurou-se criar uma linguagem e referências estéticas que representassem a identidade brasileira. Nesse sentido a escrita na literatura, a partir de 1920, passa a se preocupar com a construção da identidade infantil brasileira. De acordo com Gouvêa (2005, p. 83) “A literatura Infantil do período dialogava com as diversas representações construídas acerca da questão racial, estabelecendo uma interlocução com os discursos produzidos no campo científico e artístico”.

Nesse quadro, era atribuído à figura do negro a herança de uma ordem arcaica, ligado à ignorância. Características essas não imputadas aos personagens brancos, pois eles eram representados a partir de olhar de modernidade, associada à urbanidade, ao progresso, à técnica e à ruptura (GOUVÊA, 2005). A descrição do negro no projeto da nova ordem só seria apresentada mediante a sua negação e pela ideologia de embranquecimento descritos nos textos literários.

Nos textos analisados por Gouvêa (2005) a figura da negra, e do negro, assumia dentro das histórias o papel de cuidadora de crianças brancas, o que demonstra a continuidade do modelo escravocrata. A autora identificou nas narrativas a apresentação quase mítica do negro, diferente dos demais personagens.

Por um lado, o negro vinha reafirmar a identidade nacional, associada ao folclore brasileiro e marcando com suas histórias, práticas religiosas e valores, a infância dos personagens. Por outro, esses mesmos valores não encontravam lugar no seio de uma sociedade que se pretendia moderna, fazendo-o ocupar um espaço social à parte. Enquanto a modernidade, associada à urbanidade, ao progresso, à técnica, e à ruptura, era representada pelos personagens brancos adultos, os negros era relacionados a significantes opostos, como tradição e ignorância, universo rural e passado (GOUVÊA, 2005, p.84).

Partindo dessa análise percebemos que os textos literários sobre o negro reforçavam os estereótipos e o excluía da ideia de progresso, sendo sua figura representada no viés folclórico. Segundo Gouvêa (2005) esta ideia prevalece em todos os textos produzidos entre 1900 e 1920. Dentre eles destaca-se a obra de Monteiro Lobato. O autor delineava uma literatura até então voltada para o público adulto, mas acaba se sobressaindo escrevendo para as crianças, talvez porque não houvesse nesse período de transição uma literatura específica para esse público. Seu primeiro livro direcionado a esse público é produzido em 1921, com o título de *Narizinho arrebitado*, depois vieram outras obras infantis, entre elas o livro “Histórias de Tia Nastácia”.

Gouvêa (2008) afirma que muitas das histórias abordavam as relações sociais do negro a partir do espaço rural, visto nesse período como permanência de atraso, pois a ideia de modernidade seria restrita aos espaços urbanos. O negro da ruralidade tinha suas crenças, cultura e tradições associadas à feitiçaria, esse é um outro ponto destacado por Gouvêa (2005).

Ainda segunda a autora, no final do século XIX, a produção científica atribuía ao negro adulto o mesmo nível cognitivo de uma criança, enquanto, os adultos brancos “civilizados” desenvolveriam plenamente a capacidade do raciocínio lógico formal. Outro aspecto sobre as representações sociais a propósito do negro na literatura evidencia-se na constante referência à raça. “Era o pertencimento racial que situava os personagens na narrativa, ao contrário personagens brancos, cujas marcas raciais não eram nomeadas ao longo dos textos analisados” (GOUVÊA, 2005, p. 88).

Os personagens recebiam o nome de “negrinha”, “negro”, “preto” e o que situava esses personagens dentro das narrativas era o pertencimento racial. Assim, Gouvêa (2005) identificou que alguns textos apresentam paralelismo quando se refere às partes do corpo dos personagens, enquanto o branco tinha lábios e cabelos, o negro tinha beijos e pixaim. Assim, as partes do corpo sofriam denominações a partir do pertencimento racial do personagem.

Identifica-se nas muitas referências que Monteiro Lobato faz em seus textos, ao reportar-se sobre os lábios de tia Nastácia, chegando inclusive a animalizá-la, como se percebe na fala de Emília, em “Reinações de Narizinho: “[...] eu cortava um pedaço desse beijo” (LOBATO, 1967, p. 36). Mais à frente, em outro diálogo, Pedrinho é contestado por Emília: “[...] melado com rapadura é coisa de lamber os beijos, disse Pedrinho - **Beijo é de boi**, protestou Emília. **Gente tem lábios**” (LOBATO, 1967, p. 36, **grifo nosso**).

Observa-se que existe historicamente uma tentativa de branqueamento como uma possível solução para eliminar a população negra, considerada como raça inferior e conseqüentemente, os brancos seriam referenciados como superiores. Esta característica de embranquecimento também está presente nas produções analisadas por Gouvêa (2005). Para ela o tal embranquecimento perdia sua característica metafórica e tornava-se literal.

A respeito disso a autora fala que esse avanço na literatura infantil introduziu étnico-raciais e aproximou alguns temas vistos como impróprios para crianças como o preconceito racial. Uma outra autora que também tem essa mesma opinião é Lone da Silva Jovino (2006), ela explica que após essa década, os livros infantis passaram a tratar a temática referente ao racismo e a apresentar os negros como protagonistas. Jovino (2006) afirma que aí está o primeiro passo para o rompimento com estereótipos produzindo e presentes na produção literária infantil, uma vez que os personagens eram representados com característica europeias. Como podemos verificar, muitos estudos no Brasil têm-se voltado para essa temática, como explica Araújo (2010, p. 14): “Grande parte dos estudos brasileiros tem-se voltado para a análise de conteúdo de livros didáticos e de literatura, os quais são identificados como mecanismos de criação e/ou reprodução de ideias e representações preconceituosas acerca da população (ou personagens) negras brasileiras”.

Mesmo com aprovação da Lei Federal 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nas escolas, ainda existem muitos materiais literários que colaboram para a manutenção e reprodução do racismo. A aprovação da lei significou avanço para o Movimento Negro brasileiro, mas alguns estudos revelam que ainda são mudanças relativamente insuficientes para a minimização do preconceito.

Ainda nos deparamos com a dificuldade de encontrar em Bibliotecas, livros infantis com personagens negros, e sobretudo como protagonistas. Dentro desse contexto é que Figueiredo (2010) fala da necessidade de tornar público e divulgar essas obras infantis a partir da possibilidade de fazer um trabalho voltado para a construção da identidade étnica da criança negra.

3.1 Esboço Sobre Contação de Histórias

Durante muito tempo as narrativas orais estiveram ligadas ao processo de socialização e compreensão da realidade do homem. Narrar histórias era a única maneira de passar uma informação adiante, pois neste período ainda não se fazia uso da escrita. “No oriente antigo ainda sobrevive, e não é raro ver-se uma multidão reunida em uma esquina em torno de uma simples narração de conto. Há sinais no oriente de um crescente interesse nessa antiga arte” (SHEDLOCK, 2004, p. 21). A partir daí compreende-se que sem a narrativa não seria possível a socialização ou mesmo a consciência de quem somos.

Bedran (2010, p. 21) recorre aos estudos de Walter Benjamin para explicar que a arte de narrar inicia-se a partir de “dois grupos de narradores: o camponês sedentário que não saiu do seu país e conhece suas histórias e tradições, e o marinheiro comerciante, migrante, oriundo de terras distantes”.

Esses grupos “[...] foram os primeiros mestres na arte de narrar, sendo que o primeiro saber das terras distantes trazido pelos migrantes associava-se ao saber do passado, recolhido pelo trabalhados sedentários” (BEDRAN, 2010, p. 22). A autora fala que a narrativa nesse contexto é vista como uma forma artesanal da comunicação.

E por muito tempo, a memória da comunidade e tudo que competia à preservação da cultura, como suas histórias, tradições e crenças, tinham que ser contados oralmente, processo denominado por Oliveira (2009) de oralidade primária. “A comunicação oral era importante nesta fase para a transmissão dos conhecimentos, em que eram utilizados os recursos do mito, da poesia, dos provérbios, das canções e lendas para sua memorização” (OLIVEIRA, 2009, p. 239). Mais adiante com o desenvolvimento do capitalismo e a expansão da imprensa, “surge uma nova forma de comunicação que remete a narrativa a seu fim: a informação” (BEDRAN, 2010, p. 23).

Dessa forma, chega um período em que a narração de histórias começa a perder forças e aos poucos vai desaparecendo. Bedran (2012, p. 32) afirma que “Benjamin vê, então, a extinção progressiva do valor da experiência humana, degradada nas transformações ocorridas tanto na imagem do mundo exterior quanto na do mundo ético, processo este que tira dos homens a história e o vínculo com a tradição”.

A figura dos mais velhos nesse momento constitui o ponto central da memória, no qual ele se apropria das suas experiências para transmitir os ensinamentos aos jovens. Porém Bedran (2010, p. 21) afirma que o que se observa em relação a essas condições é que,

O rápido desenvolvimento do capitalismo e da técnica transformou em abismo a distância entre os grupos humanos, principalmente entre as gerações, e a narrativa na forma de experiência transmitida pelo relato perde sua função; o ritmo fragmentário do trabalho em cadeia, industrial, sobrepõe-se ao ritmo lento e orgânico da atividade artesanal, e elimina a sedimentação de diversas experiências em que se tinha tempo de contar; e finalmente vê-se o declínio de uma tradição e de uma memória comuns, eliminando a existência de uma memória coletiva, gerando um indivíduo isolado num mundo particular e privado onde o fluxo narrativo comum e vivo se esgota (BEDRAN, 2010, p. 21).

Na visão de Benjamin (1994) as mudanças no progresso envolvem perdas e a partir desse pensamento ele explica que o empobrecimento das experiências leva à extinção dessa arte. Nesse contexto também se verifica a ampliação da informação através da imprensa, e passamos a ter acesso a outros suportes, matérias da tecnologia e meios de acesso a informação.

Boff (1999) afirma que atualmente estamos vivenciando a chamada Sociedade do Conhecimento e da Comunicação, na qual o mundo virtual cria um ambiente que, contraditoriamente, causa a incomunicação e o indivíduo se sente cada vez mais sozinho. E assim como o Benjamin (1994) Boff (1999) a respeito da sociedade do conhecimento no país identifica que “[...] na medida em que avança tecnologicamente na produção de bens materiais, produz cada vez mais empobrecidos e excluídos” (BEDRAN, 2010, p. 19).

Esse processo de bombeamento de informação é aspecto notável na contemporaneidade, na qual a informação promove uma constatação imediata e plausível, ao contrário da essência da narrativa que recorre ao fator miraculoso e não é seguido de explicações.

Assim contar histórias permitir ao ouvinte interpretar como ele quiser, e a partir desse aspecto é que Bedran (2010) fala a respeito de a narrativa atingir a amplitude que não há na informação, pois, conforme aponta Benjamin (1994, p. 203) “metade da arte narrativa está em evitar esclarecimentos”.

Contar história um certo convite ao abrigo, ao “agasalhamento”. O território da imaginação protege o ouvinte. Oferece amparo para que as emoções possam fluir livremente, para que o contato consiga mesmo se beneficie da meditação do contador e da história. E é evidente que, quando o ouvinte se entrega à história, ele fica vulnerável, mas certamente sai fortalecido da experiência (SISTO, 2004, p. 86).

É notável pois, que o ouvinte passe por um processo de vulnerabilidade decorrente de entregar à história, isso acontece na visão de Sisto (2004) devido ao fogo e a emoção que o contador emprega no momento de contar ou a paixão que ele acende nos ouvintes.

Sob essa perspectiva o narrador transforma o espaço em troca de conhecimentos, pois ele narra a partir das suas experiências e fortalece a vivência dos que ouvem. Ele mesmo se encontra a serviço da palavra, comprometido honestamente com ela; isso significa que em seu trabalho está consciente de tudo o que diz e faz, pois semeia ao falar (ORTIZ, 2004, p.109). Na visão do autor o narrador assume um compromisso diante das pessoas que o escutam.

Para Sisto (2004, p. 84) contar histórias “Não é simples. Muito menos banal. Uma atividade tão “antiga” quanto o homem certamente traz consigo toda uma tradição. Não como uma forma fixa, mas como um legado, que é acionado a cada vez que alguém começa a contar. E que se renova a cada história contada”.

É nesse contexto que o ofício de narrar é também assinar uma escritura oral, que tem o poder de fazer aparecer aquilo que a história nomeia e o ouvinte é receptor ativo na narração, pois ele é responsável pelo preenchimento das lacunas deixadas pela narração. “Sua tarefa, mesmo que ele não saiba disso - e muitas vezes o ouvinte demora para se dar conta disso - é ligar, unir, recheiar de sentido o que o contador de histórias está narrando” (SISTO, 2004, p. 84).

Assim, ele recebe a história em todos os sentidos e é livre para completar aquilo que ficou subtendido na narrativa. A autor diz que, se o ouvinte de fato realizar um encontro com a história que escuta, com certeza estará mais apto para descobrir outras histórias e que a contação pode incentivar mudanças na maneira como esse indivíduo vê o mundo.

Observa-se que ainda são poucos os estudos sobre narrativas orais na Ciência da Informação e alguns autores como, Cardoso (2011) que trabalha esse tema através da psicologia, sociologia e história. A autora compreende por meio dos estudos de Clarissa Pinkola Estés, que trabalhar com narrativas orais é “trabalhar com energias “arquetípicas” (ESTÉS, 1999 *apud* CARDOSO 2011, 44). Cardoso (2011, p. 44) afirma ainda que, “Arquétipo para autora é como alma, energia, uma força dinâmica, que é estrutural e estruturante, algo que já possuímos dentro de nós, similar a eletricidade que pode trazer animação e iluminação, porém na hora e no lugar errado, como qualquer medicamento, pode trazer efeitos indesejados”.

No campo da história Cardoso (2011) cita o historiador Wladimir Propp, um dos primeiros a desenvolver estudos sobre narrativas. Em seu estudo ele procura os “[...] indícios, os vestígios, as raízes históricas das narrativas, analisando a permanência das formas simples do conto maravilhoso para determinar as constantes e variantes dos contos, comparando suas estruturas e sistemas” (CARDOSO, 2011, p. 45).

Ainda na visão de Cardoso (2011) as narrativas orais se caracterizam como forma de trazer à tona os vestígios históricos da sociedade, aqueles pertencentes à memória coletiva dos povos, que permitem mapear conteúdos simbólicos visando a formação da nação e construir os sujeitos.

A contação de história ressurgiu a partir do pensamento que se tem acerca da possível instauração e o reencantamento do mundo através das narrações. Cleo Bussato (2007) desenvolve estudos a partir desse pensamento, nos quais aborda a relevância do retorno das narrativas orais em diversos setores da sociedade no século XXI.

3.2 O Bibliotecário Como Mediador da Cultura Negra e Incentivador da Leitura

Bibliotecário é o profissional que lida com o tratamento da informação e tem como objetivo tornar acessível a informação ao usuário, independentemente do suporte informacional. É responsável por identificar a necessidade informacional em diferentes contextos, levando em conta a diversidade do público. Pode atuar em diversos espaços como hospitais, editoras, centro de documentação, empresas, centro de documentação e entre outras. Dessa forma o bibliotecário “[...] tem um grande diferencial, ser dinâmico e pró-ativo. O dinamismo faz com que este profissional da informação se adapte aos mais diversos campos de trabalho” (WENCZENOVICZ; GOMES, 2015).

Dentre esses diversos campos de trabalho citados, a biblioteca é o ambiente de trabalho mais comum desse profissional. De acordo com Wenczenovicz e Gomes (2015, p 232- 233),

A atuação do bibliotecário nas bibliotecas vai além das funções gerenciais, este profissional desempenha também ações de incentivo à leitura e participa do processo de formação dos leitores que frequentam o local. Desta forma, a literatura faz parte do cotidiano dos bibliotecários que mantêm contato direto com obras literárias e podem interagir com o público, propondo atividades que contemplem o perfil dos seus leitores.

Nessa perspectiva a leitura e seleção de obras estão ligadas ao Bibliotecário que promove incentivo à leitura. À vista disso, “[...] os Formadores de leitores que atuam nas áreas sociais precisam compreender a literatura como uma expressão social carregada de valores ideológicos e culturais representados por uma constante transformação social” (WENCZENOVICZ; GOMES, 2015, p.224). Vimos que a produção literária era sempre a partir de um referencial europeu que excluía a figura do negro. Depois disso graças aos Movimentos Sociais teve em 2003 a aprovação da lei 10.639/03 numa tentativa diminuir as tensões sociais, diminuir o racismo e preconceito, colocando o negro também como agente do processo histórico, mas o nosso conhecimento sobre as figuras negras ou negros ainda é muito pouco, como explica Wenczenovicz e Gomes (2015, p.231)

Esperava-se que com a lei 10.639/03 estudantes negros e negras teriam conhecimento sobre as personalidades que fizeram parte da história do país como figuras de resistência e luta, a exemplo de Zumbi, Ganga Zumba, Dandara e de mais que lideraram o Quilombo dos Palmares. Também esperava-se maior acesso a escritores e escritoras como Lima Barreto e Carolina de Jesus que retrataram personagens através da sua ótica, denunciando a violência psicológica e o preconceito. Sendo assim, saberiam que, de fato, cultura negra não se restringe ao samba e a capoeira. Ela está presente no teatro de Cajado Filho, que através de paródias questionava os problemas sociais da época, nas artes plásticas de João Cândido que retrata cenas do folclore e cultura popular brasileira.

Com base nisto, as pesquisadoras desenvolveram um estudo acerca da formação do profissional bibliotecário e sua atuação especialmente em literatura Negro-Brasileira na formação de leitores. A análise teve como objetivos:

Discussões acerca da literatura Negro- Brasileira como um caminho para a representação de uma real identidade da população negra no país. [...] Este trabalho buscou identificar o que profissionais da Biblioteconomia compreendem sobre a presença do negro na literatura. Também propôs uma atividade de formação, apresentando elementos da literatura brasileira e Negro- Brasileira para os profissionais que atuam no âmbito sociocultural e, por fim, verificou os efeitos causados pela atividade de formação (WENCZENOVICZ; GOMES, 2015, p. 224).

Nesse contexto como esperar que o bibliotecário seja um mediador da cultura negra e incentivador de leitura negra, se a grande curricular do curso Biblioteconomia não contempla disciplinas no contexto da Lei 10.639/03. À vista disso, as autoras reforçam “[...] a necessidade de uma readaptação curricular que vá ao encontro da lei 10.639 possibilitando assim que o bibliotecário tenha propriedade para elaborar suas ações junto à comunidade atendida” (WENCZENOVICZ; GOMES, 2015, p. 234). Elas ainda complementam que não há previsão por parte do MEC em inserir “[...] disciplinas da área da educação que tratem sobre as mais diversas obras literárias de forma crítica e reflexiva, amparando o bibliotecário no exercício pleno de suas funções enquanto formador de leitor” (WENCZENOVICZ; GOMES, 2015, p.233).

Contudo, esse profissional tem que procurar por conta própria o conhecimento “[...] a fim de prestar um serviço adequado aos usuários, caso contrário, irá seguir representando os modelos de exclusão existentes nas mais diversas esferas educacionais e culturais” (WENCZENOVICZ; GOMES, 2015). Dessa forma essa deficiência no curso é possível ser suprida a partir de ações pedagógicas, como atividades de extensão, palestras, oficinas sobre a temática racial. Assim atuação do bibliotecário pode vir a cooperar com construção de uma imagem positiva da população negra para o público infantil. Como explica Wenczenovicz e Gomes (2015, p.233) “[...] é papel desse profissional disponibilizar obras literárias que sejam pertinentes, contribuindo para a formação social enriquecendo o conhecimento da realidade e a consciência crítica dos leitores”.

Para além do incentivo à leitura, o bibliotecário realiza no âmbito da biblioteca a seleção de livros e procura cada vez mais usar a tecnologia para aperfeiçoar os serviços. De acordo com Diniz et. al (2011, p.6) “[...] são medidas essenciais, mas não são bastante para fazer com que as pessoas despertem o desejo de ler cada vez mais”. Ainda na visão das autoras é prescindível que o profissional desperte o olhar para seu o papel de mediador entre o acervo e seus leitores e nesse sentido contribuirá para a construção de novos leitores.

Outra função importante é disseminação da informação e promoção do conhecimento, é exercido a partir de muitas leituras. Aguiar (2006, p. 259) afirma que “[...] a atitude do profissional perante os usuários vai influenciar a quantidade e a qualidade da leitura realizada, contribuindo para a aproximação ou o afastamento dos livros por parte dos leitores em formação”.

Para Wenczenovicz e Gomes (2015, p. 239- 240):

O Bibliotecário por ser um disseminador da informação, precisa ir além das informações contidas na capa do livro, é preciso investigar que tipo de leitura está sendo disponibilizada, é uma obra libertadora ou moralista? Estimula a autonomia e o empoderamento ou só reproduz padrões pré-estabelecidos de uma literatura comprometida com o silenciamento?

A formação de leitores também dá por meio das ações educativas como: as contações de histórias, gincana, encenações, oficinas, jogos educativos e entre outros. São atividades que tem a finalidade de aproximar a comunidade da biblioteca e permitir sobretudo o acesso a diversos tipos de leituras no qual o indivíduo por meio da leitura possa desvendar novos horizontes em âmbitos pessoais e culturais. A esse tipo de possibilidade de atuação profissional, recebe o nome de ação Cultural. Conforme Cabral (1999, p. 39):

É um rico campo de atuação que oferece ao bibliotecário inúmeras opções de atividades a serem desenvolvidas nas bibliotecas públicas, escolares comunitárias e centros culturais, sendo indiscutível sua importância tanto no sentido de dinamizá-las como de alavancar o processo de produção cultural no âmbito dessas instituições e da sociedade.

Ainda na visão da autora esse atuar como agente cultural, deve se engajar politicamente em projetos mais amplos da sociedade, a fim de obterem a necessário integração com o público em geral, assim como os grupos dos diversos movimentos sociais (CABRAL, 1999). Além da dimensão política, a ação cultural tem dimensão educativa. Ele precisa ter ou desenvolver habilidades humanas, com intuito identificar a necessidade informacional da comunidade no qual ele faz parte.

Contudo são “[...] vários cursos de Biblioteconomia no Brasil preocupam-se principalmente com o processamento da informação e raramente com a sua disseminação e com a formação de leitores” (RASTELI; CAVALCANTI, 2013, p. 165). E Wenczenovicz e Gomes (2015, p. 233) complementa que “[...] sem o componente de literatura nos currículos dos cursos de Biblioteconomia, temos outro agravante: a falta de contato com a literatura negra brasileira”.

4 A Narrativa como Instrumento de Construção da Identidade Negra: análise das entrevistas

Dentre as ações que vêm sendo desenvolvidas na biblioteca do Centro Cultural Banco do Nordeste, destaco as contações de histórias com fins de estimular o respeito às diferenças. A sessão de histórias acontece aos sábados e tem a colaboração de vários contadores da Região do Cariri. A partir dos contadores e de seu ofício buscou-se destacar a importância dessa prática para a formação da identidade negra de forma positiva.

Foram entrevistados três contadores que já apresentaram pelo menos uma narrativa sobre a temática étnico-racial a partir da contação de história na Biblioteca no CCBNB - Cariri. A proposta é identificar a partir dos pontos de vista deles a importância e necessidade de trabalhar a contação de histórias temáticas, com a discussão em torno das diversidades, especialmente de raça, no âmbito da biblioteca.

4.1 Contador de Histórias Renê Rodrigues

O entrevistado Renê Rodrigues cursa Letras na Universidade Regional do Cariri (URCA). Atualmente mora no Crato, interior do Ceará. Há cinco anos trabalha com contação de histórias no âmbito público e privado. Desde os 12 anos de idade já participava do grupo Sociedade de Cultura Artística do Crato, no qual atuava como ator de teatro infantil. Já esteve na biblioteca - CCBNB apresentando “Lendas Africanas e a Força dos Tambores Cruzou o Mar”.

Participou de vários eventos nas áreas de contações de histórias, dentre eles o “Encontro Nacional de contadores de histórias de Ponta Grossa do Paraná”, evento realizado pela prefeitura de Ponta Grossa, por meio da Fundação Municipal de Cultura,

com apoio do núcleo de Contadores de histórias local. O entrevistado fala com entusiasmos quanto é importante está participando das discussões que acontecem nesses encontros, tendo em vista a relevância desses assuntos para sua prática profissional.

Na visão do entrevistado, a contação é uma atividade que vem se renovando, pois apesar de ser uma prática antiga, hoje algumas pessoas se aperfeiçoam nessa arte para contar as histórias do seu jeito. Seja por meio de figurino engraçado, pintura ou uso de instrumentos para contar e encantar o público infantil.

O tema trabalhado por esse contador é ligado à educação da criança, incluindo aqui a temática étnico-racial e gênero. Para trabalhar sobre esse assunto, entrevistado fez uma pesquisa de textos infantis com recorte da valorização da imagem do negro, sobretudo de forma positiva. A partir dessa procura, ele conheceu o livro “Lendas Africanas e a Força dos Tambores Cruzou o Mar” de Denise Carreira. A obra consiste na reunião de estórias infantis contadas na África, resultado de pesquisa realizadas pela autora na biblioteca University of Cape Town, na cidade do Cabo. Carreira (2008) faz uma adaptação dessas histórias que foram passadas de geração em geração.

Mesmo encantando com tantas histórias africanas encontradas, Renê decidiu trabalhar as narrativas a partir do livro de Denise Carreira. Ele explica que o motivo para escolha desse livro é o fato de o texto permitir às crianças o conhecimento da cultura do povo africano. Vale destacar que a autora teve oportunidade de aprofundar-se na cultura, nos costumes do continente africano e teve todo cuidado em ouvir e transcrever as histórias. O contato com Denise Carreira, também o motivou a contar essa história.

Renê cita que a autora recontou algumas lendas existente na África passadas nas rodas para as crianças. Assim, para o entrevistado os contos africanos trabalhados através da contação de história permitem à criança a compreensão de outras culturas.

Entre os contos da obra “Lendas Africanas e a Força dos Tambores Cruzou o Mar”, o entrevistado narra “O menino grávido”. A lenda se passa nas terras do povo Xhosa, onde havia um casal que se amava apaixonadamente, se casaram e decidiram ter um filho e que para tal foram procurar ajuda de um famoso sábio Sangoma, que morava na floresta.

Ao contar essa história para as crianças, o entrevistado percebe, geralmente, o estranhamento inicial do público infantil e adulto. Do ponto de vista dele o objetivo da narrativa é ensinamento e encantamento apresentado através dos personagens. Também percebe que algumas crianças se veem como o menino que faz toda artimanha. O entrevistado afirma que dessa forma a narrativa traz um discurso sobre o que elas podem ou não. Subentendem-se que se somos desobedientes sempre vamos ter consequências depois.

A partir disso, podemos identificar a respeito dessa narrativa que há também uma abordagem de gênero. A história lembra-nos situações semelhantes na sociedade. Exemplo disso foi a aprovação da lei que garante a pessoas do mesmo sexo o direito à adoção. O fato repercutiu na sociedade e de certa forma para algumas pessoas provocou estranhamento que pode ser comparado à gravidez do menino na narrativa. Além do texto da Denise Carreira, Renê já narrou o conto “A botija de ouro” de Joel Rufino dos Santos.

4.2 Contadora de Histórias Elisabete Pacheco

A entrevistada Maria Elisabete Pacheco Almeida é formada Pedagogia com especialização em Gestão Escolar. Além de contadora de história, trabalha como professora na rede pública. O primeiro trabalho como contadora foi junto com o CCBNB com a história “Couro de piolho” de Câmara Cascudo. Desde então tem desenvolvido trabalhos em outros espaços, como em escolas, praças, teatros, bibliotecas e outros. A partir da contação de histórias, ela procura despertar os temas seguintes: higiene bucal, saúde, amizade, valor da família e entre outros.

Assim como o primeiro entrevistado, Elisabete também apresenta repertório extenso. Alguns dos textos utilizados por ela de cunho étnico- racial são: “Bruna e a galinha d’Angola (Gercilga de Almeida)”, “A gênese Africana: contos, mitos e lendas da

África” (Leo Frobenius e Douglas C.Fox), “História da nossa gente” (Sandra Lane), “Ifá, o adivinho” (Reginaldo Prandi), “O homem frondoso e outras histórias África” (reunidos por Claude Blum), Pretinho, meu boneco querido (Maria Cristina Furtado) e “Menina Bonita do laço de fita” (Ana Maria Machado).

Segundo a entrevistada o processo de elaboração desse trabalho exige muita dedicação ao ofício. “Você tem que estudar, buscar conhecimentos bibliográficos para seu trabalho ficar melhor. É trabalho de pesquisa que demanda muito tempo, dedicação até que você selecione as histórias [...] e quando você percebe já tem lido vários livros” (Elisabete Pacheco). Assim antes de tudo, é um processo contínuo de compreensão e aprofundamento através de leituras variadas. Contudo além do processo de leitura, ela coloca que prestigiar o trabalho dos outros contadores também tem ajudado a elaborar seu trabalho.

Esse estudo tem permitido identificar que as temáticas das relações étnico-raciais contida nos projetos pedagógicos das instituições são práticas que geralmente ocorrem em fases do ano como maio, abril, agosto, novembro.

Às vezes você tem algumas encomendas de contação que as pessoas usam muito aquele velho calendário físico. Eu não gosto de fazer isso, e quando eu preciso fazer obrigada em sala de aula eu procuro buscar outras ferramentas que faça com que aquela contação seja mais proveitosa, como por exemplo nas escolas tínhamos o famoso dia do Índio (Entrevista de Elisabete Pacheco).

Contudo os resultados deste trabalho têm oportunizado reflexões importantes a respeito da necessidade de estimular o respeito aos diferentes no cotidiano nos setores público e privado, a partir da discussão em torno das diversidades, especialmente de raça, através da contação de histórias temáticas.

A contadora destaca o livro usado por ela foi a “Menina bonita do laço de fita”, obra de Ana Maria Machado. A história é sobre menina pretinha que não sofre preconceito como muitas pessoas negras na vida real. A mãe gostava de fazer em seus cabelos tranças e enfeitava-os com fitas coloridas. Ela tinha um coelho que admirava- a muito, e perguntava sempre como ela fazia para ser preta. Qual seu segredo para ser tão pretinha? E menina muito travessa, inventava: cair na tinta preta, tomar muito café, comer muita jabuticaba.

Para Garafini e Santos (2013, p. 48): “A menina negra é a protagonista. E o motivo do protagonismo é, especialmente, por ela possuir essa cor. A personagem é valorizada e reconhecida pela beleza de sua pigmentação escura da pele. Esses aspectos perpassam toda a narrativa”.

Assim, acreditamos que trabalhar o tema diversidade, não é somente com intenção de apresentar às crianças a riqueza da diversidade étnico-cultural brasileira, contribuído para que ela se aproprie de valores como o respeito a si próprio e ao outro, mas também com a proposta de elevar a autoestima da criança negra.

4.3 Contadora de Histórias Bette Gomes

O texto “Menina bonita do laço de fita” tem sido narrativa muito presente nos repertórios dos contadores, inclusive a próxima entrevistada, Bette Gomes também teve a oportunidade de contar na biblioteca CCBNB.

Bette Gomes tem formação em pedagogia e especialização em língua português e arte educação. Trabalha com formação de professores (contação de histórias e literatura infantil) e desenvolve atividade de contação de histórias infantis com crianças.

Segundo a entrevistada o talento em contar histórias surge:

Na formação de professores. Quando eu fui ser professora, assim surgiu a oportunidade de contar histórias. Eu participei de muitas oficinas. Na época trabalhava no SESC, e a instituição ofertava muitas oficinas sobre esse assunto [...] A partir disso despertou em mim o interesse de contar histórias. Na primeira oficina que eu fiz, já comecei contado e acho que agradou ao público. Estava me sentindo um pouco insegura, mas gostei bastante. E depois dessa oficina eu não parei mais. (Entrevista de Bette Gomes).

Depois disso, Bette Gomes desenvolveu vários projetos como, o ‘Varal de contos’, é um projeto aberto, no qual ela escolhe as histórias e os elementos saem da bacia. Circo de história, tem a proposta muito parecida com essa e as histórias, elementos saem da cartola. Contos Nordestinos, traz histórias com temática do Nordeste. ‘Era uma vez’ é um outro projeto. Natal com

histórias, temática mais específica sobre o natal e o projeto Contos Afros, o mais recente projeto criado por ela. A entrevistada diz que o público é bem receptivo com relação as histórias.

‘História de Anansi’ é mito africano que conta a história de como Anansi, a pequena aranha trouxe as histórias para o mundo e “O Tesouro do Baoba” fazem parte das histórias trabalhadas no projeto Contos Afros. Sendo essa última, recentemente narrada no BNB de Sousa.

Na visão da entrevistada esse conto é um dos mais bonitos. Fala sobre a riqueza do povo africano, da música, nascimento da criança. Quando a criança vai deter o conto como identidade. Contudo “[...] o livro narra uma história que pertence ao folclore africano. São muitas as lendas, contos e canções criadas pelos povos africanos, cujos conteúdos são belos e educativos” (PAIXÃO, 2010, p. 22).

A partir das suas experiências com os contos africanos, a entrevistada afirma que as histórias permitirem: “Principalmente o conhecer a cultura do nosso povo. Que nós conhecemos pouco. Quando a gente se dedica a assunto específico como contos africanos, por exemplo. Você acaba estimulando as pessoas a lerem mais sobre o assunto” (Entrevista de Bette Gomes).

Com base nisso, antes de iniciar as histórias, Bette Gomes conversa com eles para contextualizar a narrativa, e uma dessas histórias. Ela diz: “falei de Zumbi, e os menino que estava ali presente. Falaram de Zumbi, aquele dos filmes de terror”. Do ponto de vista da entrevistada a narração traz para eles um novo conhecimento, e nessa situação as crianças passam a ter um conhecimento da história sobre Quilombo e a resistência de seu último líder Zumbi.

Em todas as sessões observou-se que foram mostradas as capas dos livros e uma breve apresentação dos mesmos. Nesse contexto percebemos que no desenrolar da leitura das histórias as crianças tiveram um contato maior com os livros infantil que contemplam- se temas relacionados a diversidade/ raça e gênero. Diante disso, as histórias lidas e ouvidas a tendem a acender o nosso imaginário e desperta em nós curiosidade e nos permitir diálogo com a cultura que nos cerca. Há nesse sentido o que Bedran (2012, p. 25) chama de “[...] encontro do imaginário com o mundo de personagens tão diversificado pertencente aos contos, sejam eles tradicionais ou contemporâneos, é fator de grande enriquecimento psicossocial”.

Nessa perspectiva deve-se ter em mente que a biblioteca deve ser espaço de promoção da educação das relações étnico-raciais. Pois a biblioteca e o espaço institucional devem proporcionar debates sobre o respeito das diferenças presentes, e a valorização da contribuição africana permitindo maior visibilidade a literatura até então negada pela cultura dominante (LEAL, et al., 2014). E isso pode ser feito por meio de projetos pedagógicas das instituições. Ações que devem está para além do incentivo à leitura e que esteja voltando para o estimular o respeito, autoestima das crianças negras e isso pode ser feito a partir das contações de histórias temática que contribua no processo de construção da identidade de forma positiva.

Contudo identificamos que os livros apresentados aqui trazem elementos importantes como valorização e exaltação da beleza da criança negra e a diversidade em nosso País. Sobre o surgimento dessa literatura, Vieira e Soares (2014, p.4) afirmam que “[...] foi indispensável para a construção da identidade étnico-racial e a interpretação da criança, de uma forma democrática, contribuindo para que as crianças aprendessem a lidar com problemas do cotidiano”. Além disso vimos que há uma gama de possibilidade de trabalhar com esse gênero literário, dentre elas destaco a possibilidade de discutir as questões étnico-raciais através das contações de histórias.

5 Considerações Finais

Este estudo, bem como o procedimento metodológico adotados por meio do estudo de caso na Biblioteca CCBNB-Cariri foram fundamentais para compreender a partir dos contadores como se dá o processo de discursão sobre as questões étnico-raciais através das contações de histórias. Entende-se que as ações devem está para além do incentivo à leitura, precisam sobretudo estimular o respeito, autoestima da criança negra.

Compreende-se que é importante o desenvolvimento de ações culturais dentro das Bibliotecas, de forma a garantir a inclusão, difusão e disseminação de narrativas relativas ao reconhecimento da diversidade racial. Sendo necessária a ações pedagógicas e suporte de recursos didáticos apropriados requerem a participação de toda comunidade.

As narrativas afro-brasileiras necessitam ser levadas em consideração pela Biblioteconomia seja nas práticas de ação cultural ou desenvolvimento de coleções para a Biblioteca, determinadas pela necessidade de ampliação do acervo. O Bibliotecário tem a missão de atuar no incentivo à leitura, e o de exercer um importante papel no processo de luta contra desigualdade racial, que vem sendo trabalhado por meio de políticas públicas.

Nesse enquadre é a partir da implementação da Lei 10.639/03 surgir obras que rompem com esse modelo de desqualificação que tínhamos nos séculos anteriores começam a ser trabalhados em diversos espaços da sociedade e isso também implicou mudanças de comportamento dos profissionais que atuam como formadoras de leitores. Dentre as inúmeras vertentes, a literatura negra e leitura, podem ser trabalhadas numa perspectiva lúdica, com a finalidade de trazer uma reflexão sobre elementos importantes como valorização e exaltação da beleza da criança negra e a diversidade em nosso País.

Assim, as contações vem a ser mais uma ferramenta de incentivo à leitura e apoio para lei 10.639 propõe novas diretrizes curriculares para o estudo da história e cultura afro-brasileira e africana, garantir uma ressignificação e valorização cultural das matrizes africanas que formam a diversidade cultural brasileira.

Referências

- AGUIAR, Vera Teixeira de. O caminho dos livros: da biblioteca à comunidade. In: AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice áurea Penteado. (Org.). **Territórios da leitura**: da literatura aos leitores. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006.
- ARAUJO, Débora Cristina de. **Relações raciais, discurso e literatura infanto-juvenil**. 2010. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010. Disponível em: http://www.ppqe.ufpr.br/teses/M10_araujo.pdf Acesso em: 6 jan. 2016.
- BEDRAN, Bia. **Ancestralidade e contemporaneidade das narrativas orais**: a arte de cantar e contar histórias. 2010. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: http://www.uff.br/cienciadaarte/dissertacoes/2010_bia_bedran.pdf Acesso em: 6 jan. 2016.
- BEDRAN, Bia. **A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOFF, Leonardo. **Saber cuidar**: ética do humano - compaixão pela terra. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.
- BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI**: tradição e ciberespaço. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2007.
- CABRAL, Ana Maria Rezende. Ação cultural: possibilidades de atuação do bibliotecário. In: VIANNA, Márcia Milton; CAMPELLO, Bernadete; MOURA, Victor Hugo Vieira. **Biblioteca escolar**: espaço de ação pedagógica. Belo Horizonte: EB/UFMG, 1999. p. 39-45. Seminário promovido pela Escola de Biblioteconomia da Universidade Federal de Minas Gerais e Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais, 1998, Belo Horizonte.
- CARDOSO, Francilene do Carmo. **A biblioteca pública na (re) construção da identidade negra**. 2011. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011. Disponível em: http://www.ci.uff.br/ppqci/arquivos/Dissert/Diss_FrancileneCarmo.pdf Acesso em: 6 jan. 2016.
- CARREIRA, Denise. **Lendas Africanas e a força dos tambores cruzou o mar**. São Paulo: Editora Salesiana, 2008.
- DINIZ, Jaíene Gomes; PINHEIRO, Ana Cristina Lúcio; OLIVEIRA, Juccia Nathielle do Nascimento; BERNARDINO, Maria Cleide Rodrigues. O bibliotecário como agente incentivador da leitura: apresentação do Projeto de Extensão Doutores da Leitura. In: ENCONTRO REGIONAL DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO, CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E GESTÃO DA INFORMAÇÃO, 14., 2011, São Luís, MA. **Anais eletrônicos...** São Luís, MA: UFMA, 2011, p. 1-11. Disponível em: <http://rabci.org/rabci/sites/default/files/O%20BIBLIOTEC%20C3%81RIO%20COMO%20AGENTE%20INCENTIVADOR%20DA%20LEITURA%20Apresenta%20C3%A7%20C3%A3o%20do%20Projeto%20de%20Extens%20C3%A3o%20Doutores%20da%20Leitura.pdf> Acesso em: 20 jan. 2016.
- FIGUEIREDO, Luciana Araujo. **A criança negra na literatura brasileira: uma leitura educativa**. 2010. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Grande Dourados. Dourados- MS, 2010. Disponível em: <http://www.ufgd.edu.br/faed/mestrado-educacao/downloads/dissertacao-de-luciana-araujo-figueiredo> Acesso em: 29 jan. 2016.
- GARAFINI, Fabiana; SANTOS, Gabriela Cornelli dos. Identidade, autoestima e imagem corporal: menina bonita do laço de fita e “as máscaras de Dandara”. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 05, nº 01, jan./jul, 2013. Disponível em: <http://www.revlet.com.br/artigos/171.pdf> Acesso em: 29 jan. 2016.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

- GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na Literatura infantil brasileira: análise historiográfica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 79-91, jan./abr., 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/ep/v31n1/a06v31n1.pdf> Acesso em: 4 jan. 2016.
- JOVINO, Ione da Silva. Literatura Infanto-Juvenil com personagens negros no Brasil. In: SOUZA, Florentina; LIMA, Maria Nazaré. **Literatura afro-brasileira**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil brasileira: história e histórias**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2011.
- LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. São Paulo, Brasiliense, 1967.
- LEAL, Letícia Felix Oliveira; SANTOS, Tâmara Monique Alves dos; SILVA, Viviane de Almeida; LEAL, Danuza Mirelle Trajano; SANTOS, Welba Felipe dos. A lei 10.639/03 na educação infantil: trabalhando com a diversidade étnico- racial através da contação de história. **Cadernos Imbondeiro**, v. 3, n. 2. 2014. Disponível em: <http://periodicos.ufpb.br/index.php/ci/article/view/21661> Acesso em: 29 jan. 2016.
- MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- MACHADO, Ana Maria. **Menina bonita do laço de fita**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- OLIVEIRA, Maria Odaisa Espinheiro de. Da narrativa oral à representação do conhecimento. In: CONGRESO ISKO ESPAÑA, 9., 2009. Valência. **Anais eletrônicos...** Valência: ISKO, 2009, p. 1-11. Disponível em: http://www.iskoiberico.org/wp-content/uploads/2014/09/622-629_Espinheiro-de-Oliveira.pdf Acesso em: 6 jan. 2016.
- OLIVEIRA, Sônia Teresinha Duarte de. **A cultura Afro no ensino fundamental: análise da aplicação da Lei 10. 639/2003 nas escolas municipais de Porto Alegre, RS**. 2012. 111 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://docplayer.com.br/7292919-A-cultura-afro-no-ensino-fundamental-analise-da-aplicacao-da-lei-10-639-2003-nas-escolas-municipais-de-porto-alegre-rs.html> Acesso em: 7 jan. 2016.
- ORTIZ, Estella. Ler, interpretar, recitar. In: GIRARDELLO, Gilka. (Org.). **Baú e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC SC, 2004. p. 104- 111.
- PAIXÃO, Fernando. **Canção dos povos Africanos**. Fortaleza: Editora IMEPH, 2010.
- RASTELLI, Alessandro; CAVALCANTE, Lidia Eugenia. A competência em informação e o bibliotecário mediador da leitura em Biblioteca Pública. **Encontros Bibli**, v.18, n. 36, p. 157-180, jan./ abr., 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2013v18n36p157/24518> Acesso em: 23 jan. 2016.
- SHEDLOCK, Marie L. Da introdução de a arte do contador de histórias. In: GIRARDELLO, Gilka. (Org.). **Baú e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC SC, 2004. p. 20-35.
- SISTO, Celso. O mistério momento: a história do ponto de vista de quem ouve (e também vê!). In: GIRARDELLO, Gilka. (Org.). **Baú e chaves da narração de histórias**. Florianópolis: SESC SC, 2004. p. 82-35.
- VIEIRA, Michelly Spineli de Brito Campos; SOARES, Paloma Viana de Almeida Cahú. Relações da Educação Étnico-racial na pré-escola: relato de uma experiência. In: ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL EM PERNAMBUCO - EPEPE, 5...2014, Garanhuns, PE. **Anais...** Garanhuns, PE: FUNDAJ, 2014. p. 1- 6. Disponível em: <http://docplayer.com.br/11158330-Relacoes-da-educacao-etnico-racial-na-pre-escola-relato-de-uma-experiencia.html> Acesso em: 29 jan. 2016.
- WENCZENOVICZ, Thais Janaina; GOMES, Elisângela. Cidadania, leitura e inclusão: o bibliotecário como formador de leitores em literatura negro-brasileira. **Interdisciplinar**, v. 22, Ano X, p. 223- 244, jan./ jun. 2015. Disponível em: <http://www.seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/3845> Acesso em: 29 jan. 2016.
- YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

Dados dos autores

Priscila Correia de Lima

Bacharel em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Cariri (UFCA). Foi integrante do Grupo de Pesquisa Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais (N'BLAC). Ativista feminista negra, integrante do Grupo de Mulheres Negras do Cariri Cearense - Pretas Simôa.

priscilacorreia10@gmail.com

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7745444506216742>

Maria Cleide Rodrigues Bernardino

Professora Adjunta do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia (PPGB/UFCA). Doutora em Ciência da Informação, pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Linguística, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Ceará. Especialista em Gestão de Unidades de Informação, pela UnB e Literatura Brasileira, pela Universidade Regional do Cariri (URCA).

cleide.rodrigues@ufca.edu.br

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5619979866984830>

Joselina da Silva

Professora Associada da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Possui Doutora e Mestrado em Ciências Sociais, pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo Brasileiro Latino Americano e Caribenho de Estudos em Relações Raciais, Gênero e Movimentos Sociais (N'BLAC). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

joselinajo@yahoo.com.br

Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1785433331883652>



Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Mestrado Profissional em Biblioteconomia

Este periódico é uma publicação do Programa de Pós-Graduação em Biblioteconomia da [Universidade Federal do Cariri](#) em formato digital e periodicidade semestral.